

Fernando Costa Cordovio

Psicólogo, psicodramatista supervisor didata (Febrap), docente do IPPGC – Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas – e da Faculdade de Psicologia da FAM (Faculdade de Americana; pesquisador convidado do VIOLAR – Grupo de Estudos sobre Violência, Imaginário e Formação de Educadores da FE – Unicamp.

COMPREENSÃO PSICODRAMÁTICA DAS DIFICULDADES DO ALUNO DE PSICODRAMA

RESUMO

O autor discute, a partir do conceito de papel no psicodrama, as dificuldades do aluno de psicodrama do IPPGC – Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas. Tem como ponto de partida as categorias emergidas da pesquisa realizada com a metodologia da análise de conteúdo. Demonstra e reflete a respeito das várias nuances a partir da experiência vivida pelo aluno, as quais implicam alterações nos outros papéis vividos por ele. Considera ainda aspectos relativos à relação do discente com a Instituição, seus professores, sua psicoterapia e seu grupo de pares, colegas em formação.

DESCRIPTORIOS

Psicodrama; ensino; educação.

ABSTRACT

Based on the psychodramatic concept of roles, the author discusses the difficulties of psychodrama trainees at the Campinas Institute of Psychodrama and Group Psychotherapy (IPPGC). The starting point for his discussion is the Categories that have emerged from a research using the method of Content Analysis. The author presents and reflects on the various nuances of the experience of being a trainee, and how these bring about alterations in other roles of the trainee. He also considers aspects related to the student's relationship with the institution, his trainers, his psychotherapy and his peers, other trainees.

KEYWORDS

Psychodrama; training; education.

INTRODUÇÃO

Minha inquietação acerca da divergência de opiniões e conceitos, pensamentos e práticas no psicodrama remete aos primórdios de minha formação em Nível I.

É notória a infinidade de possibilidades intrínsecas, nesta abordagem. Isso, contudo, não significa que o psicodrama não tenha rumo, apesar da inegável dificuldade de uniformidade advinda desde os primórdios dos escritos morenianos. As idas e vindas de tais postulações, também como se sabe, advêm das diversas nuanças e influências da trajetória de vida de Jacob Levy Moreno.

A abertura e a flexibilidade de técnicas e conceitos, se por um lado podem confirmar a criatividade como caminho a ser percorrido, por outro podem confundir e dificultar o futuro *criador de criadores* no entendimento, compreensão e futuras práticas relacionadas ao papel de psicodramatista. Há diferentes leituras em Moreno e pós-Moreno já realizadas. Como elas são apropriadas pelos futuros psicodramatistas?

Diante desta observação, percebi-me, muitas vezes, com dúvidas durante minha formação básica em psicodrama. Também observei isso em meus colegas e nos alunos de monitoria, durante a formação de psicodramatista didata. Aliás, diga-se de passagem, a dúvida e o questionamento, geralmente, põem a pensar, a refletir. Isso é esperado do aluno de psicodrama.

Outro dado relevante é que esta formação não trata de puro conhecimento que se pode denominar “acadêmico”. Ela perpassa questões “internas”, da vida afetivo-emocional e relacional do aluno. Um dos requisitos necessários para sua concretização, como é sabido, é a realização de psicoterapia na abordagem psicodramática.

A partir deste panorama, realizo uma pesquisa (Cordovio, 2006) que objetiva traçar uma visão geral sobre as dúvidas, angústias e dificuldades do aluno em formação em psicodrama do IPPGC. O presente artigo apresenta a compreensão psicodramática das categorias emergidas dessa pesquisa, sendo utilizado para tal o conceito de papel de acordo com o psicodrama.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Desta forma, alinha-se nos pressupostos das pesquisas que utilizam procedimentos que compõem o método fenomenológico, assim como demonstrou Lima (2004). De acordo com a autora, na proposta fenomenológica de pesquisa *“cabe ao pesquisador interpretar o mundo real a partir das perspectivas subjetivas dos próprios sujeitos sob estudo e de forma cuidadosa, tentar sentir dentro de si mesmo a experiência do sujeito”* (p. 10).

Todo o corpo discente da referida instituição é convidado a participar da pesquisa. Neste momento seu número total é de quarenta e dois alunos, dos quais dezessete respondem à pergunta disparadora: *“Como são vivenciadas as dificuldades encontradas por você como aluno do curso de formação em psicodrama do IPPGC?”*.

Os depoimentos, depois de colhidos, passam pela etapa de *análise*

dos dados. De acordo com Bardin (*apud* Lima, 2004, p. 15), esse material recebe um tratamento a partir de seu estado bruto. A referida autora considera essa etapa “*como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*”.

Esse procedimento é dividido em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e, por fim, a inferência e a interpretação. Ao leitor interessado em tais dados, observar a referência supra citada.

Turato (2003) salienta que, em um primeiro momento, o pesquisador deve realizar uma leitura flutuante e deixar-se invadir por impressões e orientações. É quando a leitura ganha “*clareza para a consciência*”, ao se deixar impregnar pelo conteúdo, observando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas silenciados.

Dessa forma, o material, para atingir representatividade em seu conteúdo, deve ser codificado em *unidades de registro*, expressando clareza ao pesquisador a respeito do texto em questão. A unidade de registro é, segundo Bardin (*apud* Lima, 2004, p. 16), “*a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e à contagem de frequência*”.

Posteriormente a essas etapas é realizada a compreensão psicodramática. São apresentadas a seguir as *categorias* emergidas, a partir das quais é possível realizar tal empreita.

A compreensão psicodramática que segue não chega a estipular o psicodrama como método tal qual se pretende na atualidade, nem tampouco uma sobreposição de métodos, apesar de esta possibilidade ser apontada por Turato (2003, p. 24), ao afirmar que “... *disciplinas de orientação qualitativa chamam a contribuição de áreas e métodos afins*”, o que não impossibilita que, futuramente, uma pesquisa siga tal orientação.

Saliento ainda a possibilidade de que o referencial teórico psicodramático venha a servir como ferramenta para o tratamento da pesquisa clínico-qualitativa, e que seu uso possa ser efetivado na discussão dos dados coletados, da mesma forma como sugere Turato (2003), em alusão a outros desses referenciais teóricos.

CATEGORIAS

A partir dos dezessete depoimentos dos alunos do Curso de Formação de Psicodrama do IPPGC, verifica-se que a categoria *desenvolvimento do papel de psicodramatista* está presente em quatorze deles. A categoria *relacionamento com a Instituição* aparece em doze depoimentos. Seguem-se a ela as categorias *desenvolvimento do processo grupal* e *aspectos pedagógicos*, ambas presentes em onze deles. Nove foram os depoimentos em que se verificou a categoria *desempenho do papel profissional*. A categoria *relacionamento interpessoal extra-IPPGC* foi observada em oito depoimentos, seguida das categorias *relação professor-aluno* e *estrutura física da Instituição*, em seis e quatro depoimentos, respectivamente.

A categoria *desenvolvimento do papel de psicodramatista* é a que está presente em um maior número de depoimentos. Por sua vez, ela evidencia a

gama de sentimentos que perpassam o aluno de psicodrama da Instituição, em seus diversos momentos durante a formação. Essa categoria revela também alguns dos desejos, anseios, dúvidas e possibilidades desse aluno.

A categoria *relacionamento com a Instituição* indica como ocorre a relação aluno-Instituição, levando-se em consideração algumas nuances e facetas desse relacionamento.

A categoria *desenvolvimento do processo grupal* revela o aluno entre seus pares e o arcabouço de vivências imbricadas nessas relações, assim como a importância e as implicações dessas experiências no processo vivido por ele na Instituição.

A categoria *aspectos pedagógicos* assinala temas referentes às aulas, às leituras, à teoria e às experiências vividas nos espaços pedagógicos propriamente ditos, sejam eles vivenciais ou práticos. Evidencia ainda cada evento do aluno em um momento específico da formação em psicodrama.

A categoria *desempenho do papel profissional* diz respeito ao trânsito vivido pelo aluno ao aplicar, ou tentar aplicar, em seu cotidiano profissional, aquilo que é aprendido e apreendido em seu papel em aquisição: o de psicodramatista.

A categoria *relacionamento interpessoal extra-IPPGC* aponta as relações do aluno com profissionais em espaços externos ao Instituto, no intuito de realizar sua psicoterapia ou, mesmo, supervisão extraformação.

A categoria *relação professor-aluno*, se por um lado configura uma relação de fácil acesso, acolhimento e estímulo por parte do professor, por outro, desperta no aluno sentimentos de intimidação ou de falta de sentir-se estimulado pelo mestre.

A categoria *estrutura física da instituição* manifesta a insatisfação do aluno com as acomodações físicas e a logística da Instituição.

COMPREENSÃO PSICODRAMÁTICA

Posta a interpretação dos dados, segue, no presente tópico, uma possível compreensão psicodramática dos mesmos a partir do conceito de *papel*, ainda que o leitor se depare com outros conceitos sionômicos, em função de sua complementaridade.

O conceito de papel é de fundamental importância para a compreensão proposta em decorrência de o foco da pesquisa centrar-se em um papel específico: o de aluno de sociopsicodrama. Trata-se, portanto, de um *papel social*.

Por sua vez, as categorias interpretadas no tópico anterior são ponto de partida para a discussão conceitual que se postula.

Retomando a categoria *desenvolvimento do papel de psicodramatista*, presente na maioria dos depoimentos, como visto anteriormente, o contato com os próprios sentimentos, a partir das experiências vividas durante a formação, dá o tom do que é revelado pelo aluno.

O descobrir-se espontâneo, ou conservado, é vivido constantemente por ele, aluno, quer seja em sala de aula, durante as práticas psicodramáticas, quer seja em supervisão ou ainda em psicoterapia, dado que o método fundamental pelo qual se aprende, ou se realiza a psicoterapia obrigatória, é o próprio psicodrama.

Assim sendo, as experiências vividas pelo aluno remetem, inicialmente, à exposição de algumas conceituações relativas aos papéis na ótica psicodramática¹.

Acerca dos papéis psicodramáticos, Moreno (1987, p. 124) refere-se às pessoas, objetos e metas que a criança *imagina* que estão fora de si mesma. Entretanto, Naffah Neto (1997) amplia-os e propõe uma nova classificação para os papéis psicodramáticos. De acordo com esse autor, os papéis *imaginários* passam a se referir àqueles papéis circunscritos à imaginação comprimida e colonizada do sujeito, enquanto os *papéis psicodramáticos* são aqueles passíveis de rompimento desse caráter, no contexto dramático. Moreno identifica, inicialmente, o conflito primário entre o papel e a pessoa do ator, ainda no âmbito teatral, para, posteriormente, verificar tal oposição em suas pesquisas com grupos. Ou seja, no nível sociométrico, essa mesma condição se repete, o que revela as organizações espontâneas do grupo *versus* sua organização oficial. A partir dessas considerações, Naffah Neto afirma que as condutas orientadas pelos interesses privados e coletivos *em oposição* originam uma *clivagem* entre tais dimensões.

O surgimento dos papéis sociais, ainda de acordo com Naffah Neto ocorrerá em função dessa mesma clivagem entre as dimensões coletiva, através da reificação e da cristalização como papel, e a privada, como pessoa.

O autor estrutura em Marx sua concepção de papel social, ao afirmar que o universo burguês e a estratificação da sociedade em classes, assim como a institucionalização das atividades humanas impostas e determinadas através de funções sociais fixas, rotulam e imprimem um caráter alienante na própria existência do sujeito. Por sua vez, a pessoa privada é considerada o *'reconhecimento da consciência fechada em si mesma'*, de acordo com o conceito de pessoa de Hegel. A etimologia de pessoa refere-se a *persona*, que, por sua vez, significa, máscara. Por fim, conduz novamente ao próprio papel, que também rotula.

O fato de o aluno experienciar com frequência os papéis psicodramáticos, tal qual a formulação proposta por Naffah Neto, coloca-o em unidade constante em relação à clivagem vivida nos papéis sociais oriundos de sua pessoa privada e da cristalização do próprio papel. Os aspectos privados por ele vivenciados são coletivizados e tornados públicos em sala de aula. A cristalização social é confrontada diretamente.

Dessa forma, a experiência fundamental na apreensão do papel de psicodramatista parece ser mesmo aquela concebida por Moreno no Teatro Terapêutico, segundo a qual se consegue de fato imprimir uma unidade entre o público e o privado.

"Pois é somente esta última forma de teatro que consegue catalisar e interiorizar, num mesmo espaço dramático, os temas sociais e as vivências específicas e particulares dos atores: agora os papéis, os enredos e as tramas não serão mais improvisados a partir de experiências de outrem; os atores agora representam suas próprias vidas: seus conflitos, ideologias, suas brigas, seus amores, suas esperanças. É a realidade social que entra pelas portas do palco e encarna em seus atores reais;

é a vida coletiva que, por fim, pode concretizar-se e explicitar-se pelas marcas que deixa em cada um..." (Naffah Neto, 1997, p. 191).

O contato com o espontâneo-criativo, durante a formação, *desloca* o aluno do engessamento produzido e provocado pelas relações históricas de sua própria vida, incrustadas em seus diversos papéis sociais, evidenciando, assim, o efeito de *cacho* de papéis.

Os papéis originais do contexto social encontram seus equivalentes no grupo, enquanto o trabalho dramático, *"... condensando num mesmo espaço simbólico a sociedade, o grupo e o indivíduo, produz a transformação dos papéis em papéis psicodramáticos"* (Naffah Neto, 1997, p. 191).

O próprio Naffah Neto enfatiza a suposta contradição em definir o papel psicodramático como um papel espontâneo e criativo, esclarecendo que o processo de transformação é sempre parcial, situando-o em uma dialética infinita. Assim sendo,

"a verdade revelada é sempre parcial e aponta para uma nova verdade que negará a primeira para retomá-la dentro de uma nova ordem, e assim sucessivamente. O que significa que, se o papel psicodramático é, como posição de abertura e revelação da existência, um movimento de negação de si mesmo, como papel, termina, por força da própria parcialidade em que se situa, retomando ainda como papel" (Naffah Neto, 1997, p. 195).

Dessa forma, os papéis psicodramáticos têm a possibilidade de funcionar como *antipapéis*.

Assim as experiências dos alunos são recheadas dessa mesma dialética, que implica a negação da verdade desvelada e a nova verdade parcial, além de despontar como caminho, como possibilidade. Negação e abertura são os movimentos que levam à retomada do próprio papel.

Terminada a jornada no contexto dramático, retorna-se ao contexto grupal e, por fim, ao social, ainda que também este atravesse os dois primeiros. Então, é novamente o aluno que se depara com o que podemos supostamente chamar de *realidade concreta*.

Tais experiências salientam ainda a importância que tem o *role-playing* como método para a socionomia e seu aprendizado, visto que os alunos, apesar de se depararem freqüentemente com várias modalidades de atuação no psicodrama, vivem, ainda assim, o próprio *role-playing*, já que, ao freqüentarem o âmbito dessa formação, passam a jogar o papel de psicodramatistas².

Por outro lado, as experiências dramáticas, apesar de sua densidade e importância, não são as únicas a colaborar com os estados a que ficam sujeitos os alunos.

Logo, a ansiedade revelada por eles aponta também para a própria apreensão daqueles mesmos aspectos vivenciados, agora no formato conceitual. Tarefa nem um pouco tranqüila, dada a interdependência de conceitos. São essas algumas das referências na categoria *aspectos peda-*

gógicos, da mesma forma que, contida nesta, encontram-se as próprias experiências do contexto dramático.

Mas o psicodrama tem uma história, ou histórias, convenções, enquadres, paradigmas, ainda que ele próprio proponha e promova o rompimento com estes através da criação. Como papel social, o psicodramatista é reconhecido por determinadas ações, faculdades e aptidões que lhe são transmitidas. O complicador fica por conta da própria criação, da discordância, ou, ainda, dos vários pontos de vista sobre tais concepções, advindas dos professores, supervisores e autores psicodramatistas, os quais, inevitavelmente, são apresentados ao aluno.

Trata-se da própria conserva cultural da abordagem psicodramática. A proposta, todavia, parece contraditória, já que ela mesma instaura-se naquela estrutura e, por definição, indica o caminho da (re) construção constante.

Os elementos assinalados funcionam como referências nas quais o aluno apoiar-se-á para exercer seu futuro papel. É compreensível que a apreensão de tais elementos seja objetivada por ele e que, na falta desse entendimento, ou durante seu trajeto nesse aprendizado, os sentimentos por ele vividos afluem, venham à tona.

Por outro lado, faz-se necessário considerar que o aluno joga sempre em relação a alguém, ou seja, aos contra-papéis, ou papéis complementares.

Em relação à instituição – IPPGC –, os contra-papéis jogados referem-se aos profissionais da direção, logística, coordenadores de projetos, plantonistas e dos próprios professores (*categorias relacionamento com a Instituição e relação professor-aluno*).

Apesar de a relação com a Instituição ser apontada pelo aluno como de fácil acesso, o que, por sua vez, implica papéis complementares de acordo com as necessidades e desejos do aluno, nem sempre é isso que ocorre. Eis que o desejo de amparo onipotente deixa margem para que as frustrações transpareçam nessas relações.

Os momentos de solidão desvelados indicam a falta dessa complementaridade sentida pelo aluno, ao mesmo tempo que a necessidade de saber *com quem falar* na Instituição é o indício de uma sociometria que não lhe fica clara, e não por uma questão da inexistência do contra-papel solicitado (a não ser que se suponha um contra-papel onipotente presente no imaginário do aluno e que satisfaça seus desejos e necessidades).

Já o indicativo relativo a uma suposta discriminação oriunda de alguns profissionais da Instituição, em relação aos papéis profissionais exercidos pelo aluno, principalmente aqueles que trabalham em organizações, evidencia que, de fato, sua equipe de professores não é multiprofissional, fato que pode ser uma referência à falta de contra-papéis sociais nesse âmbito, já que a maioria deles é psicoterapeuta. Todavia, a formação é aberta a profissionais de todas as áreas e, dessa forma, *até então*, os tem contemplado.

Por sua vez, a categoria *estrutura física da Instituição*, apesar de ser aquela representada em inferioridade numérica em relação às outras, auxilia a compor o quadro da relação aluno-Instituição, através das queixas de ordem logística, que dificultam a ocupação física do espaço institucio-

nal pelo próprio corpo do aluno, ainda que apontem também para uma acomodação a esse próprio papel como mero *receptor*, como se mostra, a seguir, inclusive em relação às suas necessidades de ordem material.

Outro contra-papel de suma importância é referido na categoria *desenvolvimento do processo grupal*, a qual compreende a simetria vincular do corpo discente.

A configuração oficial do grupo, estabelecida pela Instituição, é contraposta à configuração espontânea, a partir da sociometria entre os alunos, fato que implica uma sociodinâmica dos alunos dentro e entre as turmas, de acordo com o momento vivido pelo grupo, ou mesmo pelos grupos, em função das interlocuções possíveis, durante a formação.

Importante ressaltar que o desvelar das conservas e conflitos, assim como o despertar do espontâneo-criativo, ocorre principalmente no grupo de alunos. As experiências vividas nos papéis psicodramáticos são expostas diante desse grupo, ao mesmo tempo que o diretor é também um aluno em grande parte das supervisões e aulas vivenciais.

O papel de diretor gera ansiedade no aluno, já que ele passa a ser o condutor de um projeto no qual, em última instância, é desejável que se atinjam os estados espontâneo-criativos.

Apesar da co-responsabilidade grupal, é notório que o diretor exerce funções fundamentais no procedimento técnico-teórico ao qual o grupo fica submetido, ainda que esteja ele mesmo, diretor, sujeito ao descontrole emocional do próprio grupo, em função daqueles mesmos estados. Como tal, ele ainda é foco de observação e crítica dos contra-papéis simétricos, alunos, e assimétricos, professores e/ou supervisores.

Dessa forma, as emoções são provocadas a partir dessas relações, e o grupo fica caracterizado como o *microcosmo social* descrito por Moreno.

Por sua vez, as questões teóricas, como mostradas no capítulo anterior, são também demonstradas *in situ*, e nesse mesmo grupo. Tais questões, apesar de comportarem o arcabouço das conservas produzidas pela história da sionomia, indicam, na maioria das vezes, o caminho da criação e recriação desse mesmo caminho, tema freqüentemente transmitido por outro contra-papel: o professor.

Como auxílio na compreensão dessa relação (categoria *relação professor-aluno*), cabe ainda uma referência à definição de aluno como *"aquele que recebe instrução e/ou educação"* (Cunha, 1986, p. 36) ou, ainda *"...aquele que recebe formação de um professor para adquirir ou ampliar seus conhecimentos em um determinado assunto... qualquer pessoa que aprende através de outra pessoa, mas o termo é geralmente aplicado para estudantes, que são todos... os que estudam com um objectivo final..."* (Wikipédia, 2006).

Tais definições remetem o aluno ao versado universo daquele que é tão somente o *receptor* da instrução, conhecimento ou educação de quem, no caso, complementemente tal recepção, ou seja, o *emissor*, este, geralmente, validado pelo *socius* como professor.

O aluno, concebido de acordo com os princípios supra-expostos, estabelece uma expectativa implícita de que um dia ficará *pronto e acabado*,

assim que chegar ao seu *objetivo final*. Assim sendo, o que interessa e fica estipulado é o produto final, ou produto da criação.

Todavia, Moreno, com o Teatro da Espontaneidade, desloca “... o produto da criação para o processo da criação”, oferecendo aos atores a possibilidade de criarem argumentos no momento de sua execução e, dessa forma, a liberdade na criação dos papéis (Naffah Neto, 1997, p. 191).

Assim, se esse quadro vai se completar no Teatro Terapêutico, é pertinente localizar tal prática no âmbito da formação do sociopsicodramatista.

Posto que o conhecimento que se transmite ao aluno durante a formação não é pronto e acabado, já que deslocado para o processo de criação, e não mais como produto, ficam também os papéis implicados nesse processo, no caso *aluno* e *professor*, deslocados de sua concepção conhecida e reconhecida pelo *socius*, ao menos em parte.

Isso porque o professor, assim como o psicoterapeuta de grupo na concepção moreniana de psicoterapia de grupo, não é o detentor da cura. Esta, por sua vez, encontra-se nas diversas relações atravessadas no grupo em questão e nas várias complementaridades possíveis dentro deste. No grupo psicoterápico, os outros clientes são egos-auxiliares, assim como passam também a ser, os alunos, durante a formação sociopsicodramática.

O que ocorre é que, conforme evidenciado na categoria *aspectos pedagógicos*, os alunos iniciantes ainda não compreendem essa concepção, vinculados ainda às antigas, ou melhor, a outras formas de entender e jogar os mesmos papéis.

O componente que torna essa apreensão mais complexa é a própria justaposição acerca dos conteúdos técnico-teórico-filosóficos, contemplados nesse aprendizado com o próprio método experienciado, tanto no âmbito propriamente acadêmico quanto em psicoterapia.

Daí também ser questionável o próprio papel de professor como modelo, “*forma típica de reproduzir ou imitar*” (Priberam, 2006), cuja raiz é modo, que por sua vez significa maneira, forma, método ou disposição, de acordo com Cunha (1986, p. 526). Salvo aqui o modelo como componente de um processo mais amplo, quando ainda contemplado como *role-taking*³, ou seja, a adoção ou tomada do papel pela própria imitação a partir dos modelos disponíveis (Gonçalves, 1988).

Um questionamento: a intimidação sentida pelo aluno, emergida na categoria *relação professor-aluno*, diz respeito ao professor como papel social e modelo conhecido pelo aluno ou, de alguma forma, é objeto de reprodução também nessa relação já que os próprios professores de Psicodrama têm incorporado aqueles mesmos modelos em função de sua própria história como alunos e passam, como humanos que são, a reimprimi-las?

Assim, o próprio papel de psicodramatista, *mesmo como papel social*, remete ao papel psicodramático como *antipapel*. Ou seja, pode negar-se e (re) afirmar-se como tal no movimento dialético demonstrado por Naffah Neto.

Evidência que, em última instância, parece ser a desejada pela própria sionomia acerca dos papéis sociais, mas cujo aprendizado ocorre, no contexto dramático, advindo da catalisação proporcionada pela experiência do papel psicodramático. Negação e afirmação como elementos

inerentes ao processo espontâneo-criativo, cuja parcialidade contempla ainda alguns dos aspectos conservados do próprio papel social.

Logo, ficam na condição de verdades prontas a serem revistas e reinventadas as concepções históricas e enrijecidas, os próprios modelos de atuação e o próprio papel de aluno.

O psicodramatista passaria, então, a considerar-se em contínuo processo de formação, ainda que os ritos e convenções de formatura e apresentação de trabalhos de conclusão cheguem a validá-lo e reconhecê-lo como tal.

Outro elemento embutido nesse mesmo processo é que o aprendizado está vinculado de tal forma com os aspectos terapêuticos que tal divisão parece possível apenas na forma didática. Esse fato leva o aluno e encontrar dificuldades em situar-se diante dos papéis educacionais-terapêuticos, incluso aqui o psicoterápico, abordado na categoria *relacionamento interpessoal extra-IPPGC*.

Por sua vez, a categoria *desempenho do papel profissional* indica que é o próprio aluno que passa a ser o responsável pela aplicação direta daquilo que é vivenciado na formação.

Inevitavelmente, as dificuldades passam a ser, de alguma forma, similares às já expostas no desenvolvimento do papel de psicodramatista. Isso em função de o aluno, agora profissional, deparar-se com o *socius* impregnado de modelos prontos, consumos, papéis sociais enrijecidos e relações estereotipadas, profundamente marcados pelo modo de produção. Portanto, estão vinculados aos produtos e ideologias da criação social, e não aos processos.

Nessa condição, passa a ser ele, aluno-profissional, o responsável, na prática, pela intervenção nessa ordem social, impregnando-a, ainda que lentamente, desse novo processo, mesmo que tal influência implique uma nova ordem, mas desta vez abrindo espaço para negar e reinventar a si própria.

A ordem social conhecida inclui o próprio aluno-profissional, mas seu *desenvolvimento como psicodramatista* remete-o a deparar-se com seus vínculos, atuações e concepções anteriores (pelo menos assim é desejável) e com as quais atravessa agora um momento de crise, cujo significado esclarece a condição de *"alteração, desequilíbrio repentino, estado de dúvida e incerteza, tensão, conflito"* (Cunha, 1986, p. 228), na qual ele se encontra.

Conseqüentemente, a própria atuação profissional do aluno que realiza a formação em psicodrama (ou qualquer outro psicodramatista que atue como se espera, ou seja, vinculado à proposta exaustivamente relatada), imprime um caráter questionador a respeito do próprio papel social e seus desígnios, como evidenciados por Naffah Neto (1997), impostos pela ordem econômica e pela institucionalização do *rotulus*, e do *pápyros*, em função de ambos estamparem determinações que passam a ser confirmadas pelo próprio *socius*, consolidando as estereotípias, mesmo que os psicodramatistas assumam a própria sujeição a tal ordem econômica.

Naffah Neto (1997, pp. 180-185) descreve algumas diferenças entre *rotulus* e *pápyros* que auxiliam a compreensão que se propõe. Rótulo é o impresso colado em recipientes para indicar-lhes o conteúdo; rotular significa classificar. A partir dessas considerações, o rótulo passa a de-

signar um objeto ou um indivíduo de acordo com uma classificação e, assim sendo, o *“rótulo abstrai a realidade que classifica numa classe, pois não apreende o objeto ou o indivíduo naquilo que ele tem de novo, mas classifica-o dentro de padrões predeterminados”*, sentido próximo ao do termo *rôle* (a escrita pronta para o ator). Quanto mais o rótulo aumenta, menos contato se promove com o conteúdo do recipiente, simultaneamente à ilusão ou ao fascínio provocados pela imagem ou inscrições do próprio rótulo. A função do rótulo, por fim, é de camuflagem em relação à realidade, à ordem expressa e impressa no significado de *rôle*, ou seja, a função de rolo, do verbo rotular. Uma ordem possível é a da peça teatral; a institucionalização do *rôle*, a partir da função social, ou profissão, e sua dissolução na universalidade da estrutura social. Furta, assim, os sujeitos à sua própria consciência, impregnando o *rôle* como modelo a ser seguido e desempenhado. Possibilita, por fim, a (con) fusão do rótulo com o próprio corpo.

Tanto *rôle* quanto *pápyros* remetem às prescrições, ou da escrita ou do material na qual ela está contida, contribuem para as conservas impostas ao sujeito, no caso, o aluno em formação e futuro psicodramatista.

A tarefa do profissional é, portanto, propor a transformação na sociedade, *“de dentro para fora e pelas próprias instituições conservadoras, liberar os papéis mediante sua própria exaltação dramática-dialética; esta que nos lembra a do castelo de baralho, cujo desmoronamento se prepara pela exacerbação de sua construção”*, assim como pensou Moreno (Naffah Neto, 1997, p. 188).

Passa mesmo o psicodramatista a ter tal função, ainda que lenta e gradativa, ou a institucionalização de seu próprio papel é contraditória?

É necessário um cuidado constante no processo de formação do psicodramatista, para ele mesmo não se tornar o escrito da folha e indicar-lhe o conteúdo abstraído de sua própria realidade, ou da classificação dentro de determinados padrões, ainda que escapar completamente disso não seja possível, dada a natureza vincular dos papéis e, portanto, também dos próprios psicodramatistas.

Fica também o desafio de não se identificar com o próprio produto-título-psicodramatista, já que o mesmo estipula um *status* sedutor, mas sim com *seu* processo.

Qual a escrita que cada psicodramatista deseja imprimir a si próprio? Quiçá a da criação...

Jogar o *rôle* designado pelos deuses, psicodramatistas, deuses de si mesmos...

NOTAS

1 - Moreno inicialmente assinala que é da brecha entre fantasia e realidade que surgem os papéis sociais e os psicodramáticos. Essa cisão acontece a partir dos papéis psicossomáticos. Estes últimos, tal qual a conceituação cunhada por ele, são os primeiros papéis a aparecer, caracterizados por funções essencialmente fisiológicas. Antes do aparecimento da brecha entre realidade e fantasia, tanto os componentes reais quanto

os fantásticos fundem-se nesse conjunto de papéis (Cukier, 2002, p. 206). Todavia, Mezher questiona a concepção moreniana a respeito dos papéis psicossomáticos, fundamentando sua contrariedade na falta dos papéis complementares. Mesmo Naffah Neto (1997, p. 214) compreende os papéis psicossomáticos circunscritos ao papel social de *filho*.

2 - Referências ao *role-taking* e ao *role-creating* aparecerão mais adiante.

3 - Ainda que sabida, faz-se necessária a menção de que a expectativa é que, após vivenciar as etapas de *role-taking* e *role-playing*, sucessivamente tomando e jogando o papel de psicodramatista, e apreender tais concepções e conservas, o aluno passe a desconservá-las e a criar seu próprio psicodrama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70. (Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro), 1977.

CORDOVIO, F. **"No meio do caminho tinha uma pedra..." Dificuldades do aluno de Psicodrama do IPPGC**. Monografia apresentada para a obtenção do título de psicodramatista supervisor didata. Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas, 2006.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUKIER, R. **Palavras de Jacob Levy Moreno**: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002.

GONÇALVES, C. S. **Lições de psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

LIMA, L. A. de **A fala do professor**: uma pesquisa qualitativa. Monografia apresentada para obtenção do título de psicodramatista didata. Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas, 2004.

MEZHER, A. *Um questionamento acerca da validade do conceito de papel psicossomático*. **Revista da Febrap**, 3º ano, 1º número.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1987.

NAFFAH NETO, A. **Psicodrama**: descolonizando o imaginário. São Paulo: Plexus, 1997.

PRIBERAM. **Modelo**. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx>. Acesso em 13 de outubro de 2006.

TURATÓ, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

WIKIPÉDIA. **Aluno**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aluno>>. Acesso em 12 de outubro de 2006.

Endereço do autor:
Rua Anhandeara, 275
Campinas – SP

E-mail: fernando.cordovio@yahoo.com.br